

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA-UFSC
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

Jidean Raphael Fonseca

O CONHECIMENTO DOS SÁBIOS SOBRE A CERÂMICA NA TERRA INDÍGENA
XOKLENG/LAKLÃNÕ

FLORIANÓPOLIS-SC

2015

Jidean Raphael Fonseca

**O CONHECIMENTO DOS SÁBIOS SOBRE A CERÂMICA NA TERRA INDÍGENA
XOKLENG/LAKLÃNÕ**

**Trabalho apresentado como requisito para
obtenção do título em Licenciatura Intercultural
Indígena do Sul da Mata Atlântica na
Universidade Federal de Santa Catarina, sob a
orientação da Profa. Dra. Juliana Salles
Machado.**

Terminalidade: Gestão Ambiental

FLORIANÓPOLIS-SC

2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 26 dias do mês de janeiro do ano de dois mil e quinze, às 8.00 horas, na Sala 309 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor, Orientador Juliana Salles Machado e Presidente, Professor Lucas de Melo Reis Bueno, Titular da Banca, e Professor, Jeremy Paul Jean Loup Deturche, Suplente, designados pela Portaria nº 02/HST/2015 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Jidean Raphael Fonseca, subordinado ao título: "O conhecimento dos sábios sobre a cerâmica na Terra Indígena Xokleng/Laklãnõ.". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Juliana Salles Machado, a nota final 10,0, do Professor Lucas de Melo Reis Bueno, a nota final 10,0, e do Professor Jeremy Paul Jean Loup Deturche, a nota final 10,0, sendo aprovado com a nota final 10,0. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 26 de de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Juliana Salles Machado

Prof. Lucas de Melo Reis Bueno

Prof. Jeremy Paul Jean Loup Deturche

Candidato Jidean Raphael Fonseca



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Jidean Raphael Fonseca, matrícula n.º 111 000 63, entregou a versão final de seu TCC cujo título é O conhecimento dos sábios sobre a cerâmica na Terra Indígena Xokleng/Laklãnõ, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 26 de janeiro de 2015.


Orientador(a)

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradecer a Deus e a minha família que me deram força e coragem e me apoiaram e depositaram confiança em mim para estar concluindo este curso que foi uma etapa muito importante em minha vida. Também agradeço de coração as pessoas da Terra Indígena Xokleng/Laklano que me receberam, ouviram e compartilharam seus conhecimentos e seus saberes tradicionais. Pessoas simples verdadeiras e sinceras que não mediram esforços e tempo para estar falando de suas raízes como uma lembrança única e verdadeira. Agradeço também a professora doutora Juliana Salles Machado que aceitou o pedido de ser minha orientadora e pacientemente compreender minha dificuldade ao decorrer deste trabalho, indicar leituras, ler, reler e sempre atenta a cobrar, o que contribuiu e incentivou a aprender com o universo acadêmico. Um forte agradecimento as diversas pessoas que integraram o Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica - UFSC e também aos professores e alunos que em conjunto aprendemos a estudar e valorizar ainda mais a cultura dos povos indígenas. Também não posso deixar de agradecer as lideranças da Terra indígena Xokleng/Laklano que nos deram muito apoio e incentivo neste curso.

RESUMO

Tradicionalmente, o conhecimento e os saberes do povo Xokleng/Laklãno eram passados pelos índios mais velhos do grupo às gerações mais novas. Com o fenômeno da chamada “pacificação”, a forma que eles tinham de ensinar a seus filhos foi se modificando, assim como muitos conhecimentos foram se perdendo. O contato com o não índio causou grande impacto e modificação na sua cultura, que vem crescendo a cada dia. Sem que eles percebessem, foram forçados a se adaptar a um novo ambiente de convívio e, aos poucos, foram deixando de lado muito de suas tradições e de seus saberes, como a prática da cerâmica. Era no preparo de alguns alimentos que a panela de argila (cerâmica) era utilizada. As panelas sempre eram feitas em pouca quantidade e não eram muito grandes, porque quando eles precisavam sair de um lugar e ir para outro, não precisariam levar muitas panelas e estas não seriam tão pesadas para carregar. A produção cerâmica não era realizada simplesmente porque gostavam ou achavam bonito fazer, mas foi uma técnica desenvolvida para suprir a necessidade de se alimentar. Desta forma, a cerâmica fez parte da vida dos Xokleng/Laklãno e se tornou parte de sua cultura e agora é tema desta pesquisa.

LISTA DE COLABORADORES

- Voie Camlem, Aldeia Figueira, 2014.
- Cundign Camlem, Aldeira Figueira, 2014.
- Alfredo Patte, Aldeira Bugio, 2013.
- Agñelõ Priprá, Aldeia Palmeirinha, 2013
- Cuzun Nucle, Aldeia Sede, 2014.
- Marlene Paté, Aldeia Sede, 2014.
- Veronica Mõkónã, Aldeia Sede, 2014.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....
RESUMO.....
COLABORADORES.....
APRESENTAÇÃO.....	7
INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1: HISTORICO DOS XOKLENG/LAKLÃNÕ.....	11.
CAPITULO 2 . A IMPORTÂNCIA DA CERÂMICA XOKLENG/LAKLÃNÕ.....	16
CAPITULO 3 . ENTREVISTA COM OS SABIOS.....	20
Entrevista 1: Sr. Alfredo Patté.....	21
Entrevista 2: Dona Verônica.....	23
Entrevista 3: Dona Marlene.....	26
CAPITULO 4 . FABRICAÇÃO DA CERÂMICA.....	28
CAPITULO 5. REPENSANDO A CERÂMICA HOJE.....	33
CAPITULO 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38
ANEXO FOTOGRÁFICO.....	39

Apresentação

Eu sou Jidean Raphael Fonseca da terra indígena Xokleng/Laklãnõ. O tema com qual vou trabalhar é a importância da cerâmica na nossa cultura. Em um certo dia estava conversando com um índio mais velho, um sábio da aldeia, e ele me falou que o povo Xokleng também tem o conhecimento e a prática do uso da cerâmica e isso me despertou um interesse em estudar a cerâmica Xokleng/Laklãnõ.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como foco mostrar a importância da cultura do povo Xokleng/Laklãnõ através dos saberes e a prática da produção cerâmica. Por muito tempo meu povo vinha mantendo um saber que era muito utilizado quando os índios estavam “no mato”¹ (expressão que usamos para indicar o tempo anterior ao contato com os não-índigenas) e hoje já não é mais usado. Na nossa tradição esse conhecimento era passado de geração em geração, mas este saber não foi mais passado adiante como se fazia na nossa cultura. A perda desses saberes veio depois do contato com o não-índio e por essa razão hoje são poucos que conhecem e sabem que a cerâmica faz parte da cultura Xokleng/Laklãnõ.

A terra indígena Xokleng/Laklãnõ está localizado dentro de quatro municípios de Santa Catarina no alto vale do Itajaí nos municípios de José Boiteux, Vitor Meireles, Doutor Pedrinho e Itaiópolis. Na terra indígena também esta localizada a Barragem Norte, que fica no município de Jose Boiteux. Hoje a terra indígena Xokleng/Laklãnõ é formada por nove aldeias sendo uma aldeia da etnia Guarani.

As principais questões que motivaram a realização desta pesquisa foram as seguinte:

- Procurar saber por que hoje esse conhecimento e essa pratica não estão sendo passados adiante. O que impede que isso venha acontecer?
- Saber se a pratica do uso da cerâmica foi deixada por causa do contato do índio com o não índio ou por ser uma pratica mais usada quando eles eram “do mato”;
- Os saberes sobre o conhecimento e a pratica da cerâmica deixaram de ser realizados por causa da perda dos rituais? Isto porque, estes

¹ Expressão que usamos para indicar o tempo anterior ao contato com os não-índigenas.

envolviam um rito de passagem de conhecimento de pai/mãe para filho(a)?

- Há uma correspondência entre as marcas tribais (grupos) e os vários tipos de cerâmica e/ou formas de produzir vasilhas cerâmicas?

Este trabalho tem como objetivo mostrar a importância dos saberes e práticas do uso da cerâmica e procurar saber se esta prática foi deixada por causa do contato do índio com o não índio ou por ser uma prática mais usada ainda “no mato”. Para tanto, busquei identificar as famílias que ainda tem esse conhecimento e praticam o uso da cerâmica e entrevistar como cada família ou grupo faz para produzir seus utensílios de cerâmica. Assim meu objeto foi pesquisar como era vista antigamente na cultura Xokleng/Laklãnõ a cerâmica e como é visto nos dias de hoje. Este trabalho tem como objetivo mostrar a importância da cerâmica na cultura Xokleng/Laklãnõ. Trata-se de uma prática e um conhecimento utilizado ainda no tempo “do mato”, antes da chamada “pacificação”, que deixou de ser praticado com o contato com os não índios e, desde então, esses saberes não foram mais passados adiante como era de tradição. Através desta pesquisa, pretendo procurar trazer esses saberes e passá-los aos que não tem.

Esta pesquisa buscou trabalhar a revitalização de uma prática de conhecimento que para nós tem um grande significado na cultura Xokleng/Laklãnõ e que revela uma parte da nossa identidade, de como os antepassados viviam. Busco assim trazer essas informações à realidade de hoje e aplicá-las nas escolas onde frequentam a maioria dos jovens e crianças que ainda não a conhecem. Com isto pretendo fazer com que eles venham a valorizar mais a sua própria cultura e saberes adquiridos por nossos ancestrais.

Para a realização desta pesquisa foram utilizadas várias abordagens metodológicas oriundas das áreas da história, da antropologia e da arqueologia.

Primeiro realizei entrevistas com sábios ceramistas envolvendo algumas aldeias para analisar como era antes e como é nos dias de hoje em relação aos saberes sobre a cerâmica e qual a importância que tem para os mais novos que não viveram no mato.

Em seguida, acompanhei e documentei a produção cerâmica feita pelos sábios. Esse trabalho foi realizado com seis famílias que se localizam nas aldeias Sede, Bugio e Figueira. Neste trabalho também fiz um levantamento das matérias primas que eram necessárias para produção da cerâmica, incluindo a localização das argilas e as matérias que foram utilizadas para fazer o tempero (carvão), além dos materiais que foram utilizados para fazer a queima das panelas, para o controle da temperatura do fogo. Todos esses procedimentos foram feitos através de entrevistas orais e registros através de fotos, vídeos e áudios.

Como objetivos desta pesquisa destacam-se:

a) investigar as diferentes formas de produção da cerâmica tradicional Xokleng/Laklãnõ;

b) elaborar atividades de ensino para alunos do 3º ano do Ensino Médio, como forma de conscientização das gerações mais novas sobre a importância de conhecerem e preservarem os conhecimentos dos sábios desse povo.

Para a realização desta pesquisa, foi elaborado um questionário para entrevistar algumas famílias das aldeias Sede, Figueira e Bugio, que possuem grande conhecimento no uso da cerâmica. Os sábios entrevistados foram fotografados e as entrevistas foram gravadas em áudio e depois transcritas. Na aldeia Bugio, foi realizada uma cerimônia de construção de cerâmica. Todo o processo foi relatado, gravado em vídeo e fotografado e envolveu a participação dos alunos da Escola Indígena de Educação Básica Vanhecu Patté e membros da comunidade. Os dados já coletados indicam que a partir da cerâmica pode-se identificar como esse povo fazia para preparar seus alimentos antes do contato do índio com o não índio; as formas como esses artefatos eram modelados; como os desenhos identificavam ou representavam algo da sua cultura. Os resultados desta pesquisa e do trabalho desenvolvido com os alunos possibilitam compreender que a cerâmica faz parte da cultura e dos saberes do povo Xokleng/Laklãnõ e que foi utilizada durante muito tempo por grandes sábios das diferentes aldeias, sendo que muitos deles já nem vivem mais. A disciplina “Arte Indígena”, implantada nas escolas indígenas, também está contribuindo para a revitalização e valorização da cultura desse povo, privilegiando o trabalho com os índios mais velhos da aldeia.

CAPITULO 1. HISTÓRICO DOS XOKLENG/LAKLÃNÕ

A historia conta que há muitos e muitos anos o povo Xokleng/Laklãnõ vivia livre vagando por essas matas onde a sua própria casa era o grande território verde, montes e planícies em que seus pés podiam alcançar e seus olhos avistar (Santos 1973). As historias eram passadas pelos índios mais velhos do grupo suas histórias falavam sobre como os antepassados viveram e como eles chegaram em um determinado lugar, onde eles ficavam por um período de tempo (Santos 1973). Desta forma todo o conhecimento e saberes eram passados de geração em geração. Era contado pelos sábios que todo o conhecimento que o povo Xokleng/Laklãnõ tem foi adquirido *na natureza pela natureza e através da natureza* pelos espíritos que o povo acreditava que viviam e protegiam a própria natureza, diziam também que era através dos *Cuiãs*², que se comunicavam com as famílias. Grandes saberes foram adquiridos para que servissem para o povo viver da natureza sem a destruir. Assim esses saberes e conhecimentos tinham que ser sempre passados de geração em geração, mantendo todos os rituais e tradições da cultura.

O povo Xokleng/Laklãnõ tinha um território bem extenso que atingia de Porto Alegre até o Paraná onde eles percorriam traçando um percurso, como um caminho (Santos 1973; Lavina 1994, Corteletti 2014). Em determinado tempo do ano ou estação estavam em um lugar colhendo, caçando e pescando em busca de seus alimentos, dependendo da época e dos dias eles ficavam de uma semana até um mês em um lugar (Lavina 1994). Assim eles faziam esse trajeto a procura de alimentos e abrigo. Mas com o tempo o povo Xokleng/Laklãnõ se deparou com os colonizadores que começaram a invadir seus territórios começando a diminuir-lo cada vez mais.. As áreas que serviam de sustento para o povo já eram ocupadas pelos colonizadores que derrubavam as matas e transformavam em roças, com isso os índios passaram a invadir essas roças e tirar o que estava plantado para se alimentar. Até o que

² O Cuiã é uma espécie de pajé dentro da cultura Xokleng/Laklãnõ que tinha a capacidade de se comunicar com os espíritos que se apresentavam para ele na forma de animais, como por exemplo o Bugio.

eles criavam os índios começaram a matar e levar para seus acampamentos para se alimentarem (Santos 1973). Isso veio ocorrendo devido a escassez da caça e alimentos que eram encontrados em determinada área que já estava ocupada pelos colonizadores. Com isso os índios começaram entrar em conflito com os novos colonos que eles chamavam de brancos, onde o povo Xokleng/Laklãnõ começou a ficar cercado sendo forçados a se esconder em determinados lugares, assim foram se refugiando e acabaram se escondendo no alto vale do Itajaí e ali ficaram.

Com o passar do tempo veio a chamada “pacificação”, com isso também a perda de muitos conhecimentos que o povo vinha mantendo por muito tempo passando de pai para filho. Foi com o contato com o não índio que que essa forma que eles tinham de ensinar seus filhos e passar o conhecimento do seu povo foi se modificando. Foi-se esquecendo de como ela era feita. Com essa chamada “pacificação”, os índios foram aos poucos deixando de viver diretamente nas matas como antes e deixando de praticar muitos de seus conhecimentos. As histórias e mitos que sempre eram passados a noite ao redor da fogueira foram se esquecendo. O contato com o não índio causou um impacto tão grande e uma modificação que vem crescendo a cada dia e sem que eles percebessem eles foram forçados a se adaptar em um novo ambiente de convívio e aos poucos deixando tudo o que por muito tempo eles vinham mantendo.

O povo Xokleng /Laklãnõ passou então a viver a beira do rio onde foi construído a primeira aldeia, que eles chamavam de grupo velho. Todos moravam neste local, os afazeres eram comunitários, todos ajudavam uns aos outros. Eles eram sempre bem unidos, mas com o passar do tempo veio a construção da barragem norte que causou grandes problemas que nos refletem até hoje. Um dos primeiros problemas que eles já sofreram foi as cheias. Como a aldeia era bem próxima do rio com a barragem a água atingiu as casas. Então eles viram que teriam que sair e morar em outro lugar, mais longe do rio. Com isso veio a formação de novas aldeias na terra indígena Xokleng/Laklãnõ, que era formada somente por uma aldeia onde o povo era mais unido e naquele momento passou a ter quatro aldeias e sem que eles percebessem de

certa forma causou uma separação entre o povo Xokleng/Laklãnõ. Com isto surgiu um sistema de vida diferente no meio deles, com o surgimento de novas aldeias automaticamente precisaram de novas lideranças e um novo sistema foi implantado na terra indígena. Cada aldeia teria um cacique e esse então montaria sua liderança para atuar com ele nas causas internas de cada aldeia. Com as questões externas da terra indígena viu-se que era necessário um cacique que lá fora falasse por todos os demais caciques em relação as questões indígenas. Então surgiu o cacique presidente na terra indígena, tendo cada aldeia um cacique que hoje chamamos de cacique regional. Sendo assim, sem que percebemos um novo sistema foi implantado no convívio do índio, um sistema de disputa, de individualidade, que veio crescendo fortemente nos últimos anos no meio do povo Xokleng/Laklãnõ.

Com a construção da barragem norte a comunidade indígena vem sofrendo cada vez mais problemas com as cheias que vem ficando cada vez mais intensas. Em uma entrevista com uma senhora indígena ela nos conta que o rio de antigamente não era assim como é hoje, que é difícil até pra chegar perto dele pra pescar com caniço por causa da lama do lodo. Hoje um barro podre que fica na beira do rio por ser uma água parada; Ela nos conta que água era uma água bem limpa, que o rio era sempre raso com muitas corredeiras e era cheio de pedras, tornando o lugar muito bonito, sem falar que era um lugar agradável para pescar uma variedade enorme de espécie de peixes que podiam. Ela nos conta que era bom para pescar e também que era fácil, hoje para poder pegar um peixinho é preciso estar de canoa com redes ou tarrafa e mesmo assim as vezes não se pega nada. Naquele tempo eles andavam por cima das pedras, ela conta que dava para pegar com as mãos os peixes que estavam entre as pedras. Eles tinham varias formas de pescar, mas devido a barragem norte o rio foi totalmente modificado. O rio ficou represado e muitas das espécie nativas de peixes sumiram. As áreas de planícies que ficavam próximas do rio que antigamente serviam de cultivo para os índios, hoje, no tempo das cheias, ficam totalmente alagadas. Por isso não servem mais pra nada. Também os lugares onde tinham mata próxima ao rio, foram destruídos. Percebeu-se que a cada ano que passa as enchentes vem ficando cada vez maiores. Em alguns lugares nas aldeias onde tinham pontes

tiveram que mudar as estradas e levantar mais essas pontes, porque quando o rio enchia destruía com a força da água. Em outros pontos a água começou chegar até nas estradas bloqueando o acesso. Na época da construção da barragem norte não tínhamos a compreensão de todo o prejuízo que ela podia nos causar em relação aos danos ambientais assim como culturais.

Podemos ver claramente o dano que as cheias vêm causando em algumas das aldeias de hoje. Como a água do rio tem chegado bem próxima das estradas, ela tem causado em alguns lugares deslizamentos de terra destruindo as estradas principalmente onde há bueiros. Na última enchente ocorrida a água do rio subiu tão alto que até atingiu algumas casas e a cada ano aparece um problema que a barragem está causando a comunidade indígena.

Hoje a terra indígena está localizada no alto vale do Itajaí fazendo parte de quatro municípios: José Boiteux, Vitor Meireles, Itaiópolis e Doutor Pedrinho. A terra indígena tem uma área de 14.000,00 hectares oficialmente pertencente ao povo Xokleng/Laklãnõ. Mas as lideranças já vêm há muito tempo lutando por uma nova demarcação das terras Xokleng/Laklãnõ que por direito já eram suas. Estão reivindicando que ainda no tempo do SPI os chefes do posto arrendavam ou vendiam aos colonizadores e assim a terra indígena foi diminuindo, chegando até estes 14.000,00 hectares que sobraram. Hoje há um processo correndo na justiça, no qual foi feito um levantamento antropológico visando pontos estratégicos onde o povo Xokleng/Laklãnõ faziam suas moradas deixando ali seus vestígios. A área que está sendo reivindicada chega há aproximadamente 37.108 hectares (Pereira 1998). Ao começar a demarcação em algumas localidades iniciaram-se conflitos com os colonos que moram nesses lugares. Por esse motivo e outros mais, foi então paralisada a demarcação da terra e um novo pedido de rede marcação foi enviado à justiça. Então as lideranças estão lutando por essa causa que hoje está no Supremo Tribunal Federal e assim aguardamos a decisão.

A terra indígena Xokleng/Laklãnõ que está localizada no alto vale do Itajaí hoje está dividida em oito aldeias. Cada uma possui um cacique e suas lideranças para trabalhar em benefício da comunidade. As demais lideranças

que já passaram e a atual sempre vieram trabalhando para que a terra indígena ficasse cada vez mais independente, para que as lideranças pudessem então trabalhar com mais facilidade nas questões de interesse da comunidade. Um dos exemplos em que a liderança tem trabalhado para que venha a existir um trabalho voltado mais às questões indígenas é a educação diferenciada, a qual trata de questões específicas voltadas a cultura indígena. Isto envolve desde a contratação dos profissionais que tem que ser indígenas para poder atuar nas escolas dentro das terras indígenas, como tem que ser trabalhado dentro das salas de aulas, questões voltadas a cultura como a forma de preservar o conhecimento adquirido pelo povo e transmitir aos mais novos. A escola tem um papel muito importante nesse sentido de manter viva a cultura dos nossos antepassados possuindo um calendário específico. Também as lideranças vem trabalhando muito em relação à questões da saúde indígena, tratando-a de forma cada vez mais específica, valorizando a medicina tradicional. A liderança também vem trabalhando com o objetivo de contratar profissionais que sejam indígenas para que possam ter maior facilidade em relação as questões voltadas a cultura Xokleng/Laklãnõ.

A terra indígena possui duas escolas que atendem do pré-escolar até o ensino médio. Um está localizada na aldeia Palmeirinha e a outra está na aldeia Bugio. Também em cada uma das oitos aldeias da terra indígena há um posto de saúde onde os funcionários são indígenas para que possam ter um bom diálogo entre eles. Dentro da terra indígena existe um grande grupo religioso, em cada aldeia há uma igreja da religião cristã que é bem frequentada. Hoje o maior desafio que a comunidade indígena vem enfrentando é acompanhar o desenvolvimento e ao mesmo tempo preservar suas tradição, língua e cultura para que as geração que estão vindo possam manter e valorizar esses conhecimentos como uma riqueza única das raízes de seu povo.

CAPÍTULO 2. A IMPORTÂNCIA DA CERÂMICA XOKLENG/LAKLÃÕ

Esta pesquisa buscou mostrar com os mais velhos da aldeia a importância que tinha e que pode ter hoje a produção cerâmica. Pretendo assim saber por que o povo Xokleng/Laklãõ deixou de realizar a prática da cerâmica. Porque este saber não foi mais passado de pai/mãe para filho(a), enfim, o que motivou a perda do conhecimento da cerâmica Xokleng/Laklãõ.

Como mencionei anteriormente, esse conhecimento era passado de geração em geração, mas poucos sabem sobre como esse processo de transmissão do conhecimento era feito. Através desta pesquisa pretendi refletir sobre quais eram as pessoas que podiam receber esses conhecimentos. Tratou-se de pesquisar se o conhecimento deste jeito de fazer a cerâmica poderia ser passado para qualquer pessoa, bastando esta ter interesse, ou, como tratava-se de um saber especial, como um dom, que seria reconhecido por um sábio ou familiar, que só então passaria seus ensinamentos a ele.

Dentre esta hipótese de pesquisa, também procurei analisar se quando fossem passados esses saberes haveria algum tipo de ritual ou se eles seriam simplesmente passados no cotidiano.

Ainda com o intuito de compreender a cerâmica Xokleng/Laklãõ, pesquisei como era feito o trabalho de modelagem no passado e como ele é feito hoje. Atualmente há mais de uma maneira de produzir cerâmica entre os Xokleng. Pude acompanhar duas famílias na produção de vasilhas cerâmicas. Ambas faziam de formas distintas, utilizando a mesma argila, mas uma acrescentava um tempero de cinza e outra não utilizava nenhum tempero, utilizando apenas a argila na produção. Nesta pesquisa busquei averiguar se anteriormente a cerâmica Xokleng/Laklãõ tinha algum tipo de desenho ou traço decorativo e se isso representava ou identificava algo na nossa cultura.

Além do processo de produção e transmissão deste conhecimento, busquei saber se depois que os objetos de cerâmica não tinham mais serventia, como era o seu descarte. Através da coleta de informações orais, sabemos da existência da prática de pelo menos uma família, da mulher mais velha, doar suas vasilhas cerâmicas para sua filha antes de morrer. Isto me

levou a questionar sobre o que acontecia com a cerâmica após a sua utilização. Me parece que não há um abandono destes objetos, mas sim, que existia um lugar específico para o seu descarte, ou ainda uma prática de reutilização destes objetos por familiares através de doações. Surgem questões como: estes objetos eram feitos para jogar fora, ou haveria um lugar específico para jogá-los? Ao que parece, eles não podiam ser jogados em qualquer lugar ou de qualquer jeito, portanto quais eram as razões de seu depósito em um certo lugar preparado para eles? Finalmente, por que essa prática foi abandonada e o conhecimento sobre sua produção não foi mais passado a diante?

O povo Xokleng/Laklãnõ por várias gerações vem mantendo os seus saberes como um conhecimento que não pode ser substituído. O valor que se dava a isso era muito grande, pois ali esta sua maior riqueza. Eles acreditavam que no meio da floresta, da grande mata, estavam os espíritos da natureza que estavam ali para ajudá-los, os ensinar como fazer para sobreviver e se tornarem os donos da mata. Suas práticas e habilidades desenvolvidas em meio a natureza foram devido a luta pela sua sobrevivência. Caçar, pescar, colher seus alimentos, assim como fazer seus artesanatos não eram somente uma questão de prática ou habilidade, mais sim envolviam também uma questão espiritual que para eles era fundamental em todas as coisas que eles praticavam,. Isto porque consultando os espíritos eles sabiam como fazer e se aquilo que pretendiam realizar ia dar certo e muitas das coisas que realizavam precisavam ser abençoadas por espíritos que estavam na natureza. De alguma maneira isto fazia parte de suas vidas também, por isso o valor que eles tinham em passar esses saberes adquiridos com o tempo e com tanto sacrifício era muito importante para eles.

Em uma conversa com um ancião da terra indígena Xokleng/Laklãnõ ele nos conta que a cada dia que passa fica cada vez mais difícil manter esses saberes, fazer com que nossos jovens se interessam em saber sobre suas próprias raízes. Em suas palavras ele nos diz que precisamos fazer com que esses saberes não venham a se acabar, desaparecer, pois ali está escrito a trajetória de uma nação, a identidade descrita de um povo que tanto lutou para que hoje nós pudéssemos estar aqui e de alguma forma continuar o que nos foi passado. Mas ele argumenta que os tempo mudaram, não estamos mais na

mata como antes, tudo esta mudado, o desenvolvimento da tecnologia avança cada vez mais em nosso meio, influenciando ainda mais nossos jovens a esquecer nossos princípios e origens. Aí é que vem a grande luta que estamos praticamente travando com o tempo. Precisamos encontrar uma maneira de fazer com que a nossa gente não venha a esquecer nossa cultura e que possa incentivar nossos filhos a valorizar nossos saberes. Mostrar a eles o quanto precisamos manter esses conhecimentos, pois ali esta a identidade de um povo. Ele nos fala que a luta que estamos enfrentado não é mais como antigamente para adquirir nosso alimento, mas sim é uma luta contra a discriminação que temos sofrido. A cada tempo que passa lutando por nossos direitos e mostrando ao não índio que sim existe um povo que é da etnia Xokleng/Laklãnõ. Por isso devemos manter viva a nossa tradição, língua e saberes. Saberes que o povo Xokleng/Laklano tinha e que foram adquirido há muito tempo.

Um dos conhecimentos que eram muito valorizados muito por ser muito utilizado no preparo de alguns alimentos importantes para alimentação dos índios, era o saber sobre a cerâmica. Este, um grande saber que atingiu varias gerações, mas que apesar de por muito tempo ter sido mantido e valorizado por centenas de anos, foi deixado cair no esquecimento chegando há quase se perder totalmente. Isto ocorreu com a chamada pacificação, quando os índios passaram a ter uma vida bem diferente do que estavam acostumados no mato e muito das coisas que serviam para suprir suas necessidades. A pacificação deu a eles praticamente um novo mundo, no qual passaram a ter conhecimentos de coisas bem diferentes e foram forçados aos poucos a deixar de usar o que era de seus saberes. Assim como o conhecimento da cerâmica, muitos outros que o povo tinha desapareceram depois do contato com o não índio. Com o passar do tempo o povo Xokleng/Laklãnõ percebeu o quanto estava perdendo saberes da sua cultura e com isso resolveu buscar manter o que ainda sabiam da sua cultura para que não acabassem.

Em uma conversa com um índio ele nos conta que hoje quando falamos que somos índios os não índios não acreditam só pela nossa fala, eles logo dizem: “então mostra pra nós que você é índio mesmo, você fala em índio?” “Sabe fazer artesanato que os índios fazem, então nos mostra, queremos ver”. “Que tribo você é?” Então começou a perceber o quanto era importante

preservar a cultura do povo, principalmente a língua materna Xokleng/Laklãnõ. Com todo o desenvolvimento tecnológico entrando em nosso lugar, fica mais difícil manter a tradição. Ainda que na prática nós não realizemos mais, podemos manter esse saber de algum jeito em nossas memórias. Podemos até fazer alguns desses rituais e comidas típicas nas festas e eventos realizados aqui na terra indígena, para mostrar aos outros o quanto é importante para nós e incentivar a transmissão do conhecimento da nossa cultura.

CAPITULO 3 . ENTREVISTA COM OS SÁBIOS.

Neste capítulo apresento as entrevistas que realizei com seis famílias moradoras das aldeias Bugio, Figueira e sede. Dentre as famílias entrevistadas participaram tanto a mãe, quanto o pai, já que ambos partilhavam do conhecimento sobre a cerâmica. As entrevistas não foram feitas através de questionários, mas sim como uma conversa, pois assim eles se sentiam mais à vontade para expor o seu saber. Todos pediam para que eu fosse para sua casa com tempo. Sempre que eles queriam contar histórias da cerâmica eles contavam outras histórias, envolviam outras histórias que eram ativadas pela cerâmica. Ao longo destas conversas diversas questões foram surgindo e que me levaram a pesquisar ainda mais. No entanto muitas questões que surgiram ao longo das nossas conversas não puderam ser resolvidas, pois ninguém lembrava, ou sabia como era. Isto se deu, por exemplo, com a queima da cerâmica. Tinha uma pessoa que para eles, ela tinha o dom de queimar. Muitos outros poderiam fazer, mas apenas esta pessoa podia queima-la., por tantos as pessoas levavam suas cerâmicas para ela queimar. Quando perguntados sobre como esta pessoa era identificada, eles não souberam responder. Contando que eles sabiam porque sua avó havia contado quem eram as pessoas que podiam queimar, mas que não aprenderam a saber como identificá-las. Atualmente muitas pessoas fazem cerâmica, mas poucas queimam seus potes. Quando perguntadas porque não queimam, elas respondem porque não sabem queimar. Por que tem medo que não desse certo, ou porque de alguma forma ainda respeitavam a maneira tradicional.

- Entrevista 1: Sr. Alfredo Patte

**Como ele aprendeu a fazer a panela de argila.*

Sr Alfredo Patté procura a argila através do arco-íris, onde ele nasce, é ali que está a argila boa. Este lugar é sempre uma nascente. Os outros materiais são retirados da mata, como a folha de coqueiro, grandiuva e barba de pau. Esse material servia para fazer o carvão para ser misturado com a argila para quando estivessem preparando e modelando a panela pra ela ficar mais resistente no preparar e no secar. As madeiras que servem para fazer o fogo no qual é colocada a panela na brasa para a primeira queima (também conhecida como secagem) são a canela fogo, a araucária, o guamirim ferro e outros tipos de madeira vermelha. Esse tipo de lenha deixa o fogo em uma temperatura certa para que a panela venha a secar bem e não rache com o calor excessivo do fogo. Estas madeiras aguentam o calor e a brasa viva por mais tempo. Mas antes de queimar no fogo é preciso deixar a cerâmica secar na sombra por alguns dias, para só depois queimá-la no fogo.

Na preparação da argila tem que amassar bastante e limpar bem para fazer a panela. Na hora que estão preparando eles disseram que devemos conversar com a argila pra ela ficar uma panela bem feita e que não vai rachar. As mulheres também não podem ficar de perna aberta quando estão preparando a argila e quando estão queimando-a no fogo. Para a retirada dos outros materiais da mata também a pessoa precisa ter uma preparação, não pode ser retirada de qualquer jeito. A pessoa que for tirar quando estiver andando a procura dos materiais, ela tem que conversar com os espíritos da natureza, pedir para eles, para que então eles possam tirar o material e ser abençoados pelos espíritos da natureza. Assim a panela que vão fazer vai ser bem resistente. O conhecimento e preparo que devemos ter com a natureza é bastante importante. Sr Alfredo me disse que a pessoa que não conversar com a natureza e retirar os materiais de qualquer maneira, futuramente terá sua família amaldiçoada pelos espíritos da natureza. Segundo Sr. Alfredo, antes vivíamos na natureza, adquirimos muitos conhecimento através dos espíritos, por isso devemos ter muito respeito com a natureza, não devemos retirar algo como se não tivesse valor algum. Sr Alfredo nos conta que aprendeu a fazer

cerâmica ainda quando criança com sua mãe. Ele ficava olhando ela fazer enquanto ela explicava a ele como era pra ser feito. Ele conta que chegou a conhecer muitos materiais que eram usados na preparação da panela de cerâmica e que hoje já não se encontram mais ou são muito difíceis de se encontrar. Lembra que naquela época ainda havia muito, enquanto hoje já não se encontra mais. Ele também nos relata que foram poucas as vezes que ele teve a oportunidade de fazer utensílios de cerâmica, pois apesar dele ver muito sua mãe fazer, ele mesmo produziu muito pouco. As poucas vezes que fez, elas não eram para ser utilizadas como na época do mato, mas eram mais para exposição ou para ensinar alguém como era antigamente. A fabricação da panela cerâmica era usada para explicar como os índios faziam pra se alimentar e preparar sua comida em seu dia-a-dia, caçando, pescando e coletando alimento. Ele conta que no passado se tinha um valor e um respeito muito grande pelas práticas tradicionais e pelas crenças do povo. A forma que eles viviam e se organizavam era muito importante para eles, vivendo na natureza, desfrutando dela sem a destruir. Sr Alfredo também nos conta que tem se preocupado muito com os mais jovens, ele diz em suas palavras que eles estão perdendo os saberes da cultura do nosso povo. Ele nos traz como exemplo a língua materna, assim como muitos hoje não sabem falar Xokleng/Laklãnõ, são poucos que conhecem as histórias e ainda muito poucos jovens se interessam em saber sobre sua própria historia. Sr. Alfredo nos conta que trabalhou na escola como professor de artes Xokleng /Laklãnõ. Ali, trabalhando com as crianças, ele pode perceber o quanto elas não conhecem sobre o seu povo, sobre o que diz a historia ou sobre como viemos parar neste lugar ou como vivíamos no mato. Foi então que ele percebeu que nós estamos deixando o nossos saberes, esquecendo a nossa própria cultura e só se preocupando com o presente. Ao seu ver, as famílias aos poucos estão deixando de lado o que por muito tempo foi preservado com muito dedicação e valorizado como saberes. Mas ele não sabe o que esta causando esse desinteresse nas famílias. Muitas famílias pensam que esta falta de interesse pelo conhecimento tradicional existe porque não precisamos mais daqueles conhecimentos ou técnicas para sobreviver hoje em dia. Talvez seja por isso que alguns ainda fazem artesanato, porque neste caso vendem suas peças, talvez seja nesta prática o motivo porque mantiveram esses saberes da cultura.

- Entrevista 2: Veronica Mõkõnã

O que ela conhece sobre a cerâmica Xokleng/Laklãnõ.

Dona Verônica, moradora da Aldeia Sede, fala que todo o conhecimento o que ela sabe sobre a cerâmica do povo XoklengLaklãnõ foi passado pela sua avó quando ela era pequena. Em seu comentário ela conta que pra encontrar os lugares onde tem argila era preciso esperar nos dias em que aparecia um arco-íris no céu e onde ele nascia ali estava a argila boa. Eles contam que onde o arco-íris nasce, ele próprio cozinha o barro, transformando em uma argila boa³. Eles falam que na hora em que chegam pra tirar a argila enquanto o arco-íris ainda esta ali ou quando não faz muito tempo que ele saiu, a argila ainda esta bem quente ou bem queimada como eles dizem. Essa é a argila pronta, preparada para ser usada para fazer a panela. Na fala das pessoas entrevistadas procurar a argila através do arco-íris é mais do que saber aonde ela está, ou simplesmente ir e tirar de qualquer lugar. A forma pela qual eles procuravam através do arco-íris estava ligada não apenas à sua localização, como forma de mostrar onde ela estava, mas a sua capacidade de preparar a argila. Quando eles saíam a procura da argila onde o arco-íris nascia, enquanto ele estava mostrando o lugar para eles, neste momento não poderiam levar qualquer pessoa ou principalmente crianças, porque eles podiam ficar doentes. Quando estavam caminhando ate o local eles falavam com os espíritos da natureza e também cantavam para que fossem abençoados por eles, para que não ficassem doentes ou para que não desse nada de errado na hora de fazer a panela. A permissão dos espíritos da natureza era muito importante pra eles. Para tirar a argila não poderiam tirar mais do que o necessário, só a quantia que fosse ser usada para fazer as panelas naquele dia. Isto pois não podiam tirar muito e depois jogar um pouco fora, estragando o material, o que irritaria os espíritos da natureza, por isso só podiam tirar a quantia que ia ser usada.

³ Sobre este tema, D. Verônica, assim como o Sr. Woie afirmaram que existiam fontes de argila em outros lugares, nos quais não havia arco-íris. No entanto, nestes a argila não era tão boa, ela não estava preparada. O arco-íris, não apenas mostrava o seu local, mas de alguma forma a preparava. Era o espírito do arco-íris é que preparava a argila para eles.

Ela conta que somente uma vez teve a oportunidade de participar da construção de uma cerâmica com sua avó, pois quando sua avó fazia as panelas ela não deixava as crianças ficarem perto do local. Sua avó falava que na hora que estavam fazendo as panelas era um momento muito importante, pois não poderia ter barulho de criança. Até o dia não poderia ser qualquer um, tinham que escolher um dia muito bom, que ajudasse na construção das panelas. Sua avó explicava que o barulho trazia má sorte, não deixando com que os espíritos da natureza⁴ permitissem que todo o trabalho fosse abençoado. O barulho afasta os espíritos, assim o trabalho não poderia ser concluído como deveria ser.

Dona Veronica conta que sua avó contava para ela que uma vez que já tinha preparado a panela de argila, ela deveria ficar 7 dias na sombra para deixar secar. Sua avó contava ainda os dias passados eram contados nos dedos até completar os 7 dias e só então poderia queimar a panela. Também dona Veronica fala que sua avó fazia as panelas, mas ela não queimava quando chegava no momento do processo da queima. Ela conta que não eram todas as pessoas que podiam realizar a queima. Existiam as pessoas que podiam ou que tinham o dom de realizar essa pratica. Dona Veronica fala que sua avó fazia as panelas mas ela não queimava as panelas porque ela não tinha esse *dom de queimar*, por isso ela não realizava esse processo. Para aqueles que não tinham o dom de queimar, não adiantava queimar, porque não iria dar certo, as panelas quebrariam ou estourariam na hora em que estivessem no fogo. Por isso acreditavam que apenas algumas pessoas podiam, isto é eram abençoadas pelos espíritos da natureza e que apenas elas poderiam queimar. Através delas as panelas não se quebrariam e ficariam bem resistentes.

Dona Veronica relata que aprendeu a fazer as panelas na prática. Já depois de casada, começou a recordar de quando sua avó contava como fazia uma panela de cerâmica. Mas hoje, dona Veronica nos fala que o interesse de aprender na prática e não só ficar na lembrança foi por ela e seu esposo

⁴ Neste momento, quando não se podia ter barulho, o espírito da natureza era o próprio espírito do barro. É por isto que não se poderia retirar mais barro do que o que seria utilizado. Com o barulho a panela iria se quebrar.

fazerem vários artesanatos para vender, então ela resolveu fazer a panela de cerâmica que sua avó tinha lhe falado há muito tempo atrás. Ela nos conta que foi em um lugar perto de sua casa onde ela encontrou argila em uma nascente de água e ali então tirou a argila e começou a fazer a panela como sua avó falara. Mas ela não lembrara todos os processos corretamente, mesmo assim ela começou a fazer e quanto mais ela fazia, mais ela começava a se lembrar dos procedimentos que precisava fazer. Ela só usava cinza como tempero quando queria que a panela ficasse mais escura, ela variava a quantidade de cinza que colocava, misturando-a com a argila. Para procurar a argila ela não seguiu os métodos tradicionais, como se fazia antigamente. Mesmo assim, o mais interessante era recordar, não deixar que todo esse conhecimento se perdesse com o tempo. De todas as etapas da fabricação da cerâmica, o que ela não fez foi a parte da queima. O processo que sua avó também não fazia. Dona Veronica, tentou fazer a cerâmica como forma de experimento, no entanto ela não se ariscou em fazer a queima, respeitando o que sua avó tinha lhe falado. Isto é, que não são todas as pessoas que tem o dom para poder realizar o processo da queima e de todas as panelas que ela já fez nunca realizou a queima.

Dona Veronica também nos conta que o interesse de aprender na prática e não só ficar na lembrança foi quando ela começou a fazer parte de uma associação, a qual os mais velhos que tem um conhecimento de suas práticas tradicionais ensinam aos mais novos que tem interesse. Então ela percebeu que são muito poucos os que sabem sobre os saberes do povo Xokleng/Laklãnõ e que todo esse conhecimento deveria ser passado adiante para que não se acabe todo o saber de um povo que por muito tempo mantiveram sua tradição. Ela também nos relata um pouco como ela vê os dias de hoje, como nossos jovens estão em relação aos saberes tradicionais: “não podemos dizer se são as famílias ou se são só os dessa geração é que não tem interesse em saber sobre as coisas dos antepassados como era ou se é a influência da tecnologia que não deixa”. D. Veronica fala ainda que talvez no pensamento deles (dos jovens) para que saber do passado, se hoje é tudo diferente. Ela fala que vê isso em seus próprios filhos, que ela e seu esposo fazem muitos tipos de artesanato e eles não se interessam em aprender,

mesmo que muitas vezes eles os chamem para ficar ali vendo e assim aprender. Mas mesmo assim eles não ficam. Por isso ela não sabe se o erro esta nas famílias ou nessa geração, que realmente não se interessa, ou ainda se este de interesse se deve a algum motivo ainda maior.

- Entrevista 3: Marlene Paté

Dona Marlene Paté fala que a tia dela contava as historias para ela e falava como se faziam as panelas de cerâmica. Ao ser perguntada porque sua tia havia lhe ensinado e não sua mãe ou avó, ela me respondeu que o conhecimento era passado de geração a geração, dentro da própria família, não precisando ser especificamente a mãe ou a avó, podendo também ser a tia dela. A forma em que ela obteve esses saberes foi quando à noite eles se reuniam ao redor de uma fogueira e a tia dela contava como eles faziam antigamente no mato. A forma de se passar o conhecimento da cerâmica era assim enquanto todos da família estavam reunidos à frente da fogueira. Quem estivesse interessado em ter esse conhecimento na pratica, ela relata que antigamente era mais complicado de participar quando estavam fazendo as panelas, por ser um processo bem exigente de se preparar. Dona Marlene enfatiza que “o jeito que eles seguiam, a forma de rito era bem difícil”. Ela teve esse conhecimento por sua tia, mas não a prática do preparo. Hoje ela faz, mas ela aprendeu a fazer olhando uma índia fazer. Mas ressalta que esta não é a maneira que a sua tia falava, é bem diferente. Segundo ela, “hoje não se faz como os antigos contam ou como deveria ser feito”. Conta que depois de estar casada foi que ela começou a se interessar pelo artesanato, pela cerâmica e as histórias dos Xokleng/Laklãnõ.

O conhecimento que sua tia passou em como fazer a panela de cerâmica, era o seguinte: “primeiro eles localizavam a argila através do arco-íris, onde ele nascia. Ali eles falavam que o arco-íris queimava a terra, por isso ficava uma argila boa pra usar”. Na preparação não se usava nada pra misturar, era somente a argila pura que era bem amassada e depois de estar já

com um formato eles deixavam secar na sombra. Enquanto estava secando aos poucos na sombra, achavam uma pedra arredondada para alisar. A mulher que fazia não podia ficar de perna aberta na hora que estivesse preparando a panela, tinha que ficar sentada em cima das pernas para que quando fosse realizada a queima a panela não rachasse, não estourasse com o calor do fogo. Na hora que estão tirando a argila e moldando, havia uma espécie de ritual, no qual preciso conversar com os espíritos da natureza⁵ para que eles não sejam amaldiçoados e para que as panelas sejam bem feitas. Atualmente na queima da panela é usado somente o tronco seco do coqueiro⁶, com o qual faziam fogo e na brasa eles colocavam a panela, junto com um pouco de brasa dentr. Também eram colocadas algumas folhas secas de coqueiro enquanto a cerâmica ia queimando. Neste momento eles ficavam próximos passando a pedra na cerâmica pra ir fechando os buracos que ficavam e assim já iam alisando a panela. A queima das panelas não era feita em qualquer dia, havia um dia em que eles escolhiam para fazer a queima. Dona Marlene fala que sua tia contava que durante todo o processo de preparação não se podia ter barulho, deveria ter um grande silencio. As crianças não podiam ficar perto por causa do barulho que eles faziam. Ate na queima a lenha não podia ficar estralando na hora que estavam queimando a panela.

⁵ Durante a entrevista estes espíritos também foram chamados de espíritos do barro.

⁶ O uso do tronco do coqueiro para queima é uma substituição recente, no passado os anciões dizem que era utilizada uma madeira vermelha e dura, mas eles não se lembram do nome.

CAPITULO 4 . A FABRICAÇÃO DA CERÂMICA.

- aldeia Bugio

Eu tive a oportunidade de participar da construção de utensílios cerâmicos realizada no dia 24 de julho de 2013 no centro Cultural “Ãg nõ jó u” na aldeia Bugio, Terra Indígena Xokleng/Laklaño, onde estavam presentes vários membros da comunidade, alunos da escola Vanhecu Patte, entre 11 até 15 anos. Sr. Alfredo Patté da aldeia Bugio e a Sra Agnelõ Priprá da aldeia Palmeirinha tiveram um papel principal para a realização desse trabalho.

No primeiro dia eu fui junto com alguns membros da comunidade tirar os primeiros materiais necessários. Coletamos folhas secas de coqueiro, que servem para fazer o carvão. Antes de irmos o Sr Alfredo nos contou que o que era usado antigamente não era a folha de coqueiro, naquela época eles tiravam barba de pau, mas não era qualquer barba de pau, era uma que eles conheciam, uma especial para fazer o carvão. No entanto, como hoje é mais difícil para encontra-la, hoje ela foi substituída pela folha de coqueiro, que é melhor para encontrar. Ele também nos comenta que antigamente quando fossem sair à procura dos materiais que precisavam retirar na natureza, não poderiam retirá-las de qualquer forma, era preciso conversar antes com a natureza, através dos espíritos da própria natureza, como se ela fosse viva. As pessoas tinham que pedir permissão a ela para que ela concedesse o que estavam precisando, nesse caso sendo abençoado por ela, caso contrario, se essa pessoa não pedisse permissão, ela seria amaldiçoada pela natureza e alguém de sua família ficaria adoecido, o que levaria a sua morte por não respeitar os espíritos que habitam a natureza⁷.

Então fomos a procura de folhas de coqueiro e tiramos aproximadamente 28 folhas para fazer o carvão. Na caminhada percebi que todo o conhecimento que era usado antigamente na coleta dos materiais não

⁷ Sobre a questão dos espíritos da natureza, através das falas dos anciões me parece que os espíritos são a própria natureza, como no exemplo da impossibilidade de cortar a madeira ao caminhar pelo mato, sendo isto justificado pois a própria árvore seria um espírito. Por isto a ideia, mencionada acima da natureza estar viva, isto é, todos os seus elementos (como o barro e as árvores, animais entre outras coisas) tem/são espíritos.

existia mais entre a geração de hoje e para eles tudo aquilo não passava de um divertimento. Realmente eles não tinham noção do que estávamos fazendo, como não tínhamos o conhecimento que era necessário pois não tínhamos o preparo espiritual em relação à natureza. Depois que tiramos as folhas fomos procurar lenha para queimar as panelas de argila, mas a lenha também não poderia ser qualquer lenha, teria que ser uma madeira especial para isso.

O Sr Alfredo também nos conta que antigamente era usado um tipo de madeira avermelhada por dentro que é bem dura e que, segundo ele, quando era queimada ficava uma brasa bem viva, com uma temperatura bem quente e aguentava o tempo que precisava para queimar as panelas. Mas, assim como a barba de pau, que é mais difícil para encontrar, também é essa madeira, que então foi substituída por outra que conhecemos por grandjuva e, ao contrario da outra madeira, ela é mais mole, mas quando queima produz um calor igual a outra, por isso é usada na queima de utensílios de cerâmica. Para encontrar essa lenha de grandjuva tivemos um pouco de dificuldade, porque na aldeia Bugio quase não tem dessa madeira, para podermos achar fomos a uma antiga estrada que dava para a aldeia sede e lá encontramos um pouco. Ela estava em um lugar longe e tivemos que trazer a lenha nas costas para podermos então fazer a queima. No dia seguinte saímos atrás de argila, mas para poder encontrá-la fomos à aldeia Sede, pois segundo o Sr. Alfredo no Bugio não há argila boa. A argila que se encontra lá tem muita areia misturada com a argila, por isso fica mais difícil para fazer⁸.

Então fomos eu e o Sr Samuel na aldeia Sede à procura de argila. Para encontrar não foi tão difícil, por que o Sr Samuel já sabia aonde podíamos encontrar, local que ficava em uma lagoa perto da casa de um senhor que é parente dele. Ele diz que este senhor é sábio, por que já havia visto algumas pessoas tirarem este material para fazer panelas de cerâmica para apresentar junto com outros tipos de artesanato em um trabalho na escola Laklãnõ.

⁸ Coletei uma amostra de argila próxima a aldeia Bugio de coloração avermelhada e pude ver que ela tinha muito mais areia do que a que coletamos na Sede. Mas a Nandjá, da aldeia Bugio, me mostrou que é possível tirar os grãos de areia e fazer uma panela com esta argila, no entanto é muito mais trabalhoso.

Ao chegar no lugar onde íamos tirar a argila era mesmo uma imensa lagoa que estava cheia de mato por dentro dela. Conversamos com um rapaz que morava ali e perguntamos se ele conhecia argila, aquele barro que serve para fazer panelas que os índios faziam antigamente. Ele respondeu que sim e que também já tinha tirado argila ali na lagoa. Como nós nunca tínhamos tirado argila, logo pedimos para ele nos ajudar e ele aceitou. Pegamos uma enxada cada um e fomos. Primeiro entramos dentro da lagoa e encontramos um lugar onde o rapaz (Oséias Ndille Patte) nos mostrou e ali começamos a limpar o lugar. Em meio a água ele começou a cavar somente com as mãos e primeiro ele tirou o barro que estava em cima, que é um barro sujo e cavou bem fundo até chegar na argila que ele falou que é limpa. Uma argila bem mais pura, o que deu pra notar na cor da própria argila, Foi retirado aproximadamente vinte quilos de argila e então seguimos para a aldeia Bugio para realizar o trabalho de cerâmica.

Depois de ter conseguido buscar todo o material necessário, no dia 24 de julho de 2013 no centro Cultural “Ãg nõ jó u” na aldeia Bugio no período da tarde começamos o trabalho de cerâmica. Quando o Sr Alfredo chega à casa de palha (localizada no centro cultural) já inicia fazendo fogo para fazermos o carvão que seria usado como tempero⁹. Junto com ele estava a Sra Agnelõ Priprá e eles começaram a preparar o barro, amassando bastante, assim como se estivessem amassando a massa de um pão. Eles nos falaram que quando estão mexendo na argila estão limpando, é preciso tirar algumas raízes e pedrinhas que às vezes são encontrados na argila. A Sra Agnelõ na hora em que estava ali fazendo nos contou que durante o preparo da argila, é preciso conversar com o barro, falar pra ele porque precisamos da panela, também devemos cantar pra ele e percebi que enquanto ela estava explicando isso, os alunos que também estavam participando da atividade ficaram todos bem quietos e prestaram atenção nas palavras dela. Todos os alunos também estavam cada um com uma bolinha de argila para fazer seu utensílio de cerâmica e aprendendo. Enquanto eles estavam amassando a argila, o Micael começou a fazer o carvão, com as folhas secas de coqueiro era pegado o

⁹ O fogo feito para fazer a cinza que irá ser utilizada como tempero não é o mesmo que é utilizado na queima dos utensílios cerâmicos.

carvão ainda aceso e o colocavam em um pilão onde ele era socado até ficar uma cinza bem moída que então podia ser misturada na argila, para que a panela pudesse ficar mais resistente.

A forma em que a Sra Agnelõ e o Sr Alfredo fazem a mistura é bem interessante. A delicadeza e o cuidado que eles tem com a argila é muito grande e a cada passo que vão seguindo os alunos mantêm-se sempre atentos e prestando atenção, enquanto também fazem seus utensílios. Depois que já estava bem misturada a cinza com a argila e bem amassada, ou digamos socada, então nas mãos dos sábios vimos a argila começar a tomar forma e aos poucos, com muito cuidado, as panelas foram ficando prontas. O acabamento que foi feito através de um bom alisamento ao redor da panela, também é importante. Ainda que a cerâmica hoje seja bem simples, sem detalhes ao redor da panela, talvez antigamente tivesse, mas como foi um saber que deixou de se praticar há muito tempo atrás, pouco se sabe sobre a cerâmica do povo Xokleng/Laklãnõ. Muito me impressionou ver o jeito que a Sra Agnelõ faz na hora em que esta fazendo sua panela, ela conversa com o barro e canta no seu idioma. Eu perguntei para ela o que estava falando para este barro ou argila e ela explicou para mim “estou falando para este barro que as minhas mãos estão doendo e é para ele levar esta dor com ele e que preciso fazer esta panela, então mesmo com dor você precisa acreditar que os espíritos do barro vão levar tua dor para que você possa fazer sua panela explicando a ele que ali vai ser preparado seus alimentos para sua família”.

Depois que a panela já estava pronta foi colocada em um lugar na sombra para ir secando bem devagar durante duas semanas para depois então ser queimada.

O processo da queima é muito importante na finalização da panela de cerâmica. Depois que as panelas já tinham ficado por duas semanas secando, já estavam prontas para serem queimadas. Ali na casa de palha onde foi feito a panela fomos realizar o procedimento da queima, que foi feito do lado de fora. O fogo foi feito com lenha de grandjuva, um tipo de madeira que, como mencionei anteriormente, se usa agora, mas antes era uma madeira bem mais

dura e vermelha que com o tempo foi deixada por ser mais difícil de ser encontrada e por isto foi substituída.

Também existia uma forma, quase um ritual, para realizar a queima. Quando a mulher estava queimando, ela tinha que ficar abaixada com os joelhos encostados uns nos outros, isto tinha que ser feito para que a panela não rachasse ou quebrasse. Com o fogo já feito, uma índia começou a arrumar e bem no meio da fogueira começou a puxar as brasas e colocar as panelas. Dentro delas também colocava um pouco de brasas para que queimassem bem as panelas. Pude observar o quanto é importante esse procedimento, na hora em que estava queimando, algumas das panelas começaram a estourar e a índia que estava ali começou a me explicar que estavam estourando talvez por que não tivessem limpado bem a argila. Ela disse que quando estoura é por que ficam algumas pedrinhas e quando elas esquentam começam a estourar, ou quando o barro não foi bem amassado. Mas ela mesma conta que antigamente os índios diziam que quando as panelas estouravam era por que não tinham seguido os procedimentos que precisavam, conforme os Xokleng/Laklãnõ sempre seguiram. Assim realizamos a queima das panelas. As que queimaram bem guardamos com a professora de artes indígenas da escola para que ela mostrasse para os alunos que não participaram de todo esse trabalho.

Este trabalho mostrou para mim a importância que tem os conhecimentos da nossa cultura, também me fez refletir um pouco que todo esses saberes ainda estão guardados na memória dos mais velhos, que para nós são os sábios das aldeias e que aos poucos essa geração que muito tem a nos ensinar está morrendo, levando consigo toda uma história e experiência de vida, que talvez nunca foi compartilhada. Antigamente esses saberes eram passados por essas pessoas, era um compromisso que eles tinham com os mais jovens de ensiná-los. Com a mudança que ocorreu com povo Xokleng/Laklãnõ, essa responsabilidade foi deixada de lado, não havendo mais esse diálogo entre os mais velhos da aldeia com os mais novos e vi que uma nova geração vem surgindo e precisamos levar até eles todos esses conhecimentos para que quando amanhã eles precisarem eles os tenham.

CAPITULO 5. REPENSANDO A CERÂMICA HOJE

- Trabalho sobre a cerâmica Xokleng no Escola Laklãnõ (Estágio III)

Neste capítulo tratarei de uma experiência que eu tive ao trabalhar com a cerâmica Xokleng/Laklãnõ dentro da escola como tema em sala de aula. Isso foi muito importante para mim e percebi que para os alunos também. Trazer esse tema para trabalhar com eles não foi assim tão fácil, pois requereu muita concentração e pesquisa do que estávamos estudando. Tratava-se de conhecer a cultura de um povo, mas mais ainda, pois estava lidando com um saber que poucos conheciam, já que sua prática já não existia mais entre eles. Hoje, dentro da nossa terra indígena, lutamos para preservar nossa cultura, que as poucas vai sendo esquecida e modificada cada vez mais pela influência da tecnologia, que vem ganhando espaço em nosso cotidiano.

Trabalhar esse conceito da cerâmica dentro da cultura vai além de uma simples compreensão, ela nos revela um conhecimento espiritual, ou o que a ciência do não índio define como algo sobrenatural. Mas isto era algo que existia e que eles acreditavam e respeitavam e que sem dúvida fazia parte da vida de cada um, pois através desses espíritos grandes conhecimentos foram adquiridos ao longo de muitas gerações. Por isso precisavam de um *Cuã*, como se ele fosse um porta-voz dos espíritos que habitavam em meio a natureza. Trazer esse conhecimento na realidade de hoje aos mais novos é bem difícil. Fazer com que eles venham a entender que isso fazia parte da nossa cultura, do nosso viver e que a mata não era algo qualquer que eles tratavam como se fosse uma extensão, um pedaço de si, por isso viviam ali e a respeitavam, cuidavam para não agredi-la. Mas sim, desfrutavam dela, pois ali encontravam seus alimentos e abrigos, sem a destruir. Assim tinha que ser, a grande mata realmente era sua casa.

Essa questão já se tornou polemica e vem contribuindo para a desvalorização da nossa cultura, o que ocorre quando se fala em espíritos da natureza que os Xokleng/Laklãnõ acreditavam que estavam junto deles. Esta desvalorização está relacionada a entrada de denominações evangélicas

dentro da terra indígena, igrejas que tem trabalhado tentando fazer com as pessoas acreditassem que isso que eles antigamente acreditavam não era certo. A religião cristã tratava o conhecimento espiritual que eles tinham como um ato diabólico, uma macumbaria, um feitiçaria e isso não era certo perante Deus. Com a influencia da religião cristã o povo foi deixando de acreditar e foram esquecendo de um grande conhecimento que eles possuíam e que por muito tempo foi preservado por grandes sábios. Quando falamos de espíritos que os índios do mato se comunicavam e do conhecimento da religião com nossos alunos temos que ter muito cuidado, já que a maioria das famílias dentro da terra indígena atualmente são evangélicas e não queremos que venham criar um atrito, ou ainda mais, confundir o aluno. O que queremos é buscar nele uma compreensão entre essas duas coisas.

Então vimos que o saber da cerâmica não é só uma simples pratica de fazer utensílios, mas exige muito além disso. Conversando com os alunos do 3ºano do ensino médio percebi que eles sabem bem pouco sobre sua própria cultura, história e mitos, que antigamente eram sempre contadas pelos pais. Uma tradição que era passada sempre de geração em geração e que hoje os próprios pais não seguem mais. Eles não tem mais essa preocupação de transmitir esses saberes para seus filhos. Antes de entrar especificamente no saber da cerâmica começamos a refletir um pouco o que realmente é para nós ou o que nós entendemos como cultura e por que devemos preservar isso. Os alunos foram falando o que para eles era isso e foi muito interessante por que um falava cultura é a dança, assim como nós quando nos vestimos com as roupas típicas para nos apresentar em algum lugar, outro falava que é o jeito de nossas comida típica e o outro que é a forma que fizemos nossos artesanatos, como a lança, flecha, cocar. Uma menina falou a minha mãe sabe fazer panelas de barro, assim ela aprendeu com sua avó que viveu um bom tempo no mato antes da pacificação. Juntos vimos tudo o que era do conhecimento do povo Xokleng/Laklãnõ, desde a comida típica, os trajés, artesanato, dança, canto, língua materna e suas formas de se organizarem, tudo isso é que define sua cultura, revelando aquilo que nós chamamos de identidade cultural de um determinado povo. Quando começamos a perder um desses aspectos, estamos então perdendo algo nosso, que faz parte da nossa

vida, que nos identifica, que mostra como nós somos. Ao falarmos isso junto com os alunos entramos em uma questão que poucos dão atenção. Por que preservar nossos conhecimentos tradicionais? Assim como eles mesmos se questionaram na sala de aula: “por que estudar a língua Xokleng/Laklãnõ?” Juntos procuramos entender por que devemos preservar e até resgatar aquilo que aparentemente está perdido e então começamos a falar em uma questão que hoje estamos vivendo para poder entender por que devemos preservar nossos saberes tradicionais. Hoje nossas lideranças lutam na justiça por muitos direitos que os povos indígenas têm. Aqui na nossa terra estamos lutando pela demarcação e não é simplesmente por que queremos mais terra, assim do nada. Mostrei um mapa do antigo território em que o povo Xokleng/Laklãnõ percorria e mostrei o território atual e vimos o quanto foi diminuído, o quanto o nosso povo perdeu. Hoje estamos lutando por uma demarcação. As autoridades, como muitos deles vem falando, se perguntam: “pra que querem mais terra?”. Mas só estamos buscando o que é nosso e que um dia foi tirado de nós. Para isso foi preciso provar que os índios viviam nesses lugares através de antigos acampamentos, que mostram muitos vestígios indicando que o povo morava ali. Assim como antigos cemitérios que mostram que ali, antes de serem colonizados, o nosso povo já morava nessas localidades. Por isso lutamos para conseguir de volta o que já era nosso. Assim como em muitos lugares, para o não índio acreditar que somos índios precisamos falar no idioma, mostrar um pouco da nossa cultura através de nossos artesanatos, flechas, lanças, mantos, panelas de cerâmicas, nossa comida típica, danças e cantos. Por esse motivo e muito mais devemos preservar nossos conhecimentos, que, na verdade, tudo isso forma nossa cultura.

Trabalhar a cerâmica com eles pra mim foi mostrar um pouco que tipos de conhecimento nossos ancestrais tinham em desenvolver técnicas para suprir suas necessidades, assim como a panela de cerâmica, e ter várias formas de preparar sua alimentação. Fazer a sua própria panela mostra que eles buscavam o conhecimento através de algo da natureza, como conta sua história e experiência de vida. Ao longo do desenvolvimento do trabalho, pude perceber que os alunos ficavam cada vez mais interessados em saber da cerâmica e eles começaram fazer muitas perguntas e ficavam imaginando

como era o sabor da comida que se preparava em uma panela de barro. Perguntavam: “Será que não saíam pedaços de barro junto com a comida que estava sendo preparado ali?”, e “quem será que teve essa ideia em fazer uma panela com barro, dissero a primeira pessoa que foi fazer teve que fazer varias vezes ate ficar perfeita como eles queriam”.

E juntos começamos a ver através das pesquisas já feitas com os sábios como eram os procedimentos para a realização da fabricação de utensílios de cerâmica. Mostramos a eles que cada etapa de realização seguiam regras, desde as coletas dos matérias, até a queima, eles tinham que obedecer a uma norma, que era muito respeitado por eles. Essas normas, que eles tinham eram o que, na verdade, davam sentido a uma produção de cerâmica diferente. Era a forma em que o povo Xokleng/Laklãnõ fazia, expressando ali sua cultura. E esses conhecimentos foram mantidos por muito tempo, principalmente quando os índios estavam no mato. Essa prática foi deixando de ser realizada depois da chamada “pacificação”, quando os índios começaram a ter contato com novas coisas e então de certa forma, foram obrigados a deixar de praticar muito de seus conhecimentos e um desses saberes, foi a cerâmica, por isso sabemos tão pouco sobre ela.

CAPITULO 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

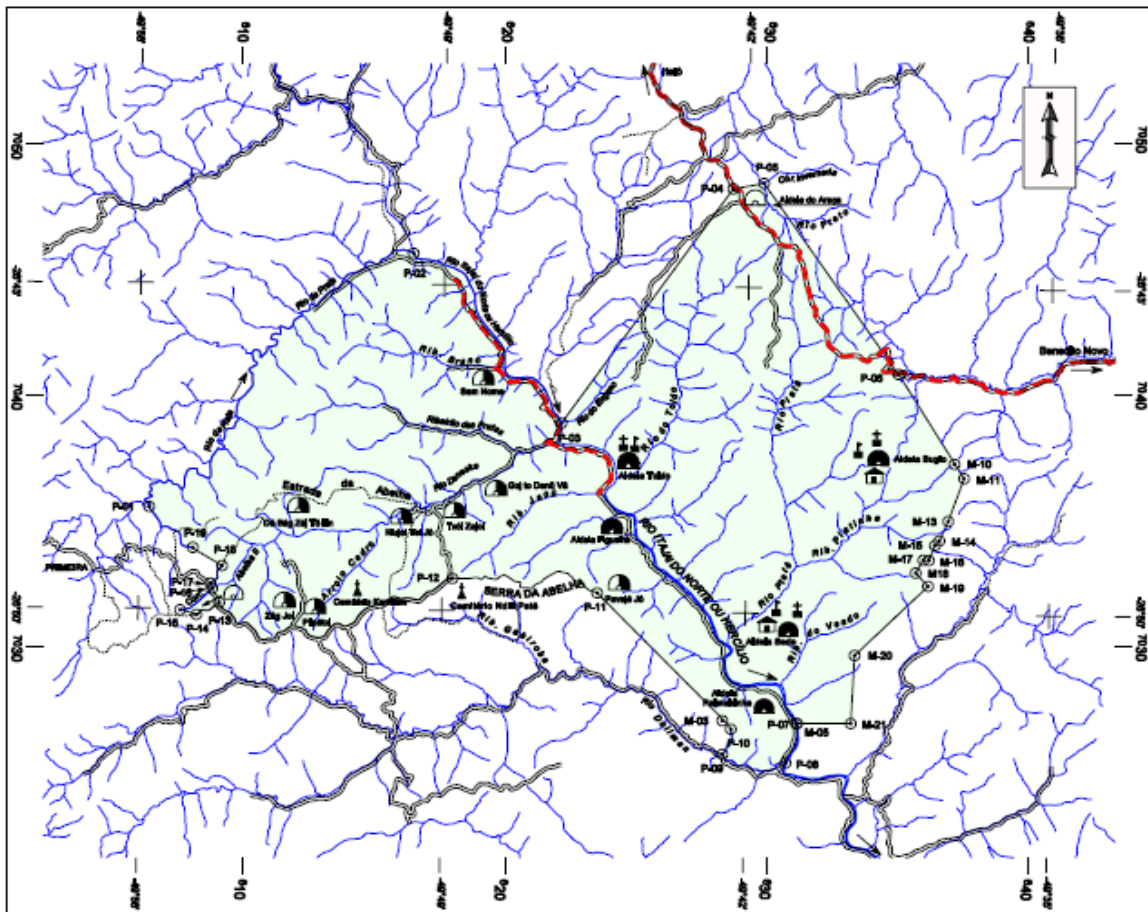
Nesta pesquisa espero como maior resultado que o povo Xokleng/Laklãnõ venha a compreender a importância e o valor que tem manter os conhecimentos da cultura e principalmente passar aos mais novos para que eles venham a compreender como os nossos antepassados viviam no mato. Entendo este trabalho como uma forma de conscientização, uma forma de valorizar todos esses saberes que o povo possuía. Fazer cerâmica não era uma coisa simples, mas sim uma riqueza muito grande que foi adquirida com muitos sábios do nosso povo através da natureza há muito tempo e assim foi passado de geração em geração.

Muitos acham que cultura é uma parte específica, separada de outras como a língua, dança, conhecimentos tradicionais, comidas típicas. Mas, para mim, o que forma a cultura é o todo, todos os saberes juntos. Trazer o saber fazer da cerâmica Xokleng/Laklãnõ é uma forma de fazer com que os nossos jovens possam entender que quando se trata da cultura de um povo todos os conhecimentos que foram adquiridos com o tempo fazem parte dela. O povo antigo do mato sempre manteve estes saberes, não por necessidade, mas por valorizar estes conhecimentos. Nosso próprio povo, de uma forma ou de outra, sempre valorizou estes saberes, mantendo a tradição. E que estes jovens venham a entender que a cada dia que passa nós vamos precisar ainda mais desses saberes que fazem parte da nossa cultura, pois isso revela a nossa identidade, assim como a língua Xokleng/Laklãnõ, e que cada um possa ter orgulho e venha a valorizar ainda mais os saberes da cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORTELLETI, Raphael. 2013. Projeto arqueológico Alto Canoas - Paraca: um estudo da presença Jê no planalto Catarinense. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia.
- LAVINA, Rodrigo. Os Xokleng de Santa Catarina: Uma Etnohistória e Sugestões para os Arqueólogos. Dissertação de Mestrado, Departamento de História, UNISINOS, São Leopoldo, 1994.
- MACHADO, Juliana Salles. O potencial interpretativo das análises tecnológicas: um exemplo amazônico. *Revista do museu de Arqueologia e Etnologia*, Universidade de São Paulo, 15/16: 87-111, 2005/2006.
- MACHADO, Juliana. História(s) indígena(s) e a prática arqueológica colaborativa. *Revista de arqueologia*, V o l u m e 2 6, n 1: 7 2 - 8 5 - 2 0 1 3.
- PEREIRA, Walmir da Silva et al. Laudo antropológico de identificação e delimitação de terra de ocupação tradicional Xokleng : história do contacto, dinâmica social e mobilidade indígena no Sul do Brasil. Porto Alegre : Funai, 1998. 213 p.
- SANTOS, Silvio Coelho dos. Índios e brancos no sul do Brasil : a dramática experiência dos Xokleng. Florianópolis : Edeme, 1973. 312 p.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio (ed.) Casas subterrâneas nas terras altas do sul do Brasil. *Pesquisas Antropologia*, Instituto Anchieta de Pesquisa – Unisinos, nº58, 2002.
- VIERA, Edna Elza. Simbolismo e Reelaboração na cultura material dos Xokleng Dissertação de Mestrado. Departamento de História, UFSC, 2004.

ANEXO FOTOGRAFICO



SINAIS CONVENCIONAIS

	TERRA INDÍGENA DELIMITADA
	POSTO INDÍGENA, CEMITÉRIO
	ALDEIA INDÍGENA, ALDEIA INDÍGENA TRANSITÓRIA
	MARCO DE DIVISA, PONTO DE SATÉLITE
	PONTO DIGITALIZADO, DIREÇÃO DE CORRENTE
	ESCOLA, IGREJA
	RODOVIA DE REVESTIMENTO SÓLIDO
	RODOVIA TRANSITÁVEL O ANO TODO
	RODOVIA TRANSITÁVEL EM TEMPO BOM, CAMINHO
	RIO PERMANENTE, RIO INTERMITENTE
	LAGO OU LAGOA, TERRENO SUJEITO A INUNDAÇÃO
	LIMITE ESTADUAL, LIMITE MUNICIPAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI DIRETORIA DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS - DAF			
TERRA INDÍGENA IBIRAMA - LA KLANÕ		DELIMITAÇÃO	
PLANTA:		SUPERFÍCIE: 37.108 ha PERÍMETRO: 110 km	
MUNICÍPIO: Doutor Pedrinho, Itaipópolis, José Boiteux, Rio Negrinho e Vitor Meireles		ESCALA: 1:200.000 DATA: 13/09/1999	
ESTADO: SANTA CATARINA		PROCESSO: BASE CARTOGRAFICA: MI-2880-1/2880.2 2880-3/2880.4	
PAÍS: CURITIBA		PROJETO:	
RESP. T.É.C. DEFINIÇÃO LIMITE:	RESP. T.É.C. DEFINIÇÃO LIMITE (VISTO CHEFE DO DEB):	PORTARIA Nº:	
WALTER DA SILVA PEREIRA ANTHROPOLOGO	PLÁGIO LUIZ CORREIA ENG. AGRICULTOR CREA Nº 18.333-5/SP	MARCEL FRANCISCO COLIMBO ENGENHEIRO AGRÔNOMO CREA Nº 14.880-7/SP	

Figura 1: Mapa da Terra Indígena Laktlãnõ, Ibirama, SC. Fonte: FUNAI



Figura 1: O Sr. Alfredo Patte e dona Agnelo Priprá estão realizando a prática da cerâmica junto com os alunos e professores da escola Vanhecú Patté. Foto: Jidean Raphael Fonseca.



Figura 2: Dona Marlene Paté está nos contando como ela aprendeu a fazer utensílios de cerâmica e que ela faz até hoje para exposição e para vender juntos outros artesanato que também faz com seu marido. Foto: Jidean Raphael Fonseca.



Figura 3: O Sr Voie Camlem mostrando um utensilio de cerâmica que foi feito por sua esposa dona Cundign Camlem no centro de artesanato na aldeia Figueira. Foto: Jidean Raphael Fonseca.



Figura 4: Dona Cundign Camlem esta nos contando seu conhecimento sobre o saber da cerâmica juntamente com seu marido Voie Camlem. Foto: Jidean Raphael Fonseca.



Figura 5: Professor Edson Patté e Nandia Patté com alunos explicando como ocorre o procedimento da queima de utensílios cerâmicos. Foto: Jidean Raphael Fonseca.



Figura 6: O acadêmico Jidean Raphael Fonseca estava observando a realização da queima de utensílios cerâmicos. Foto: Jidean Raphael Fonseca.



Figura 7: Cerâmica na cultura material dos Xokleng/Laklano.



Figura 8: Fazendo a preparação do carvão para a cinza pra ser misturado com a argila na fabricação de cerâmicas. Foto: Jidean Raphael Fonseca.